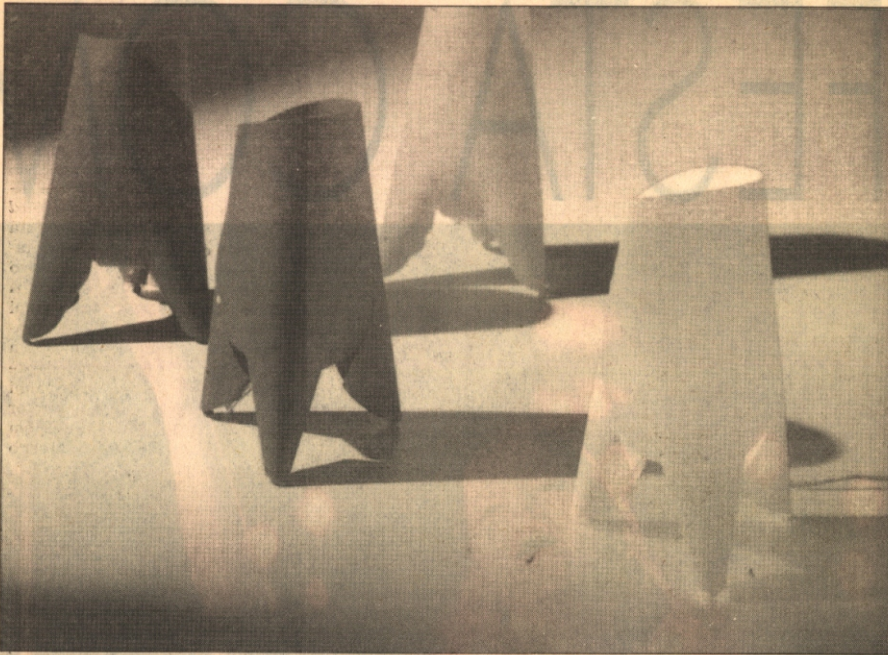
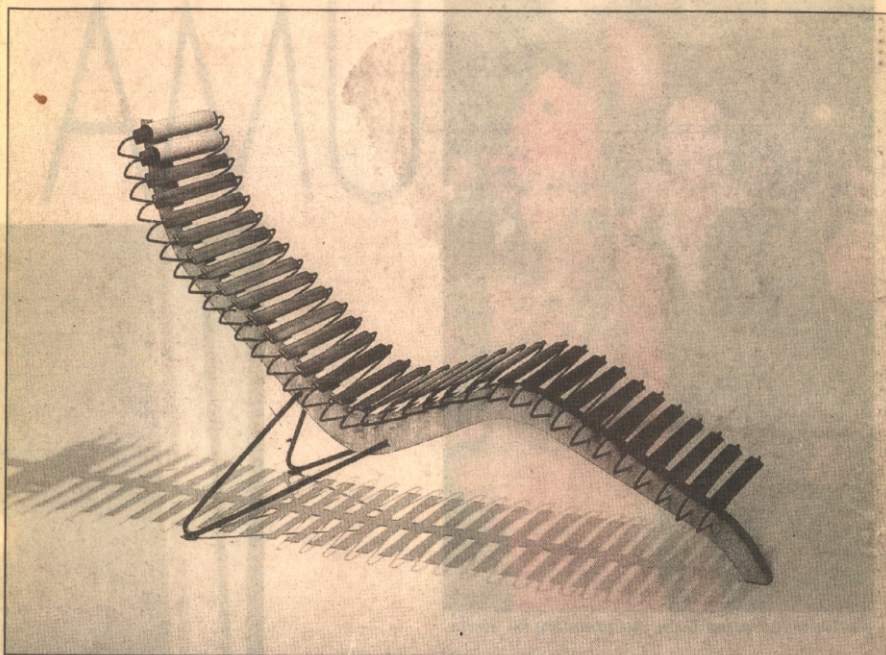


DESIGN



Luminária Pirilampa, de André Wagner: primeiro lugar em iluminação no concurso deste ano



Chaise longue Concreta, de Roberto Stickel: primeiro lugar (1996) em mobiliário residencial

Livro refaz trajetória de dez anos de prêmio

Publicação do Museu da Casa Brasileira tem textos de Adélia Borges e fotos de Antonio Saggese

CLAUDIO FERLAUTO
Especial para o Estado

O Prêmio Design Museu da Casa Brasileira, criado em 1986 pela Secretaria de Estado da Cultura, está completando dez anos. Para comemorar, está sendo lançado um livro-catálogo, escrito pela jornalista Adélia Borges. É um roteiro organizado por Adélia, que acompanhou sua história desde o início, ora como jornalista e colaboradora, ora como jurada. Inclui comentários sobre cada edição e premiados e faz pequenos perfis dos principais participantes, como designers, jurados ou organizadores.

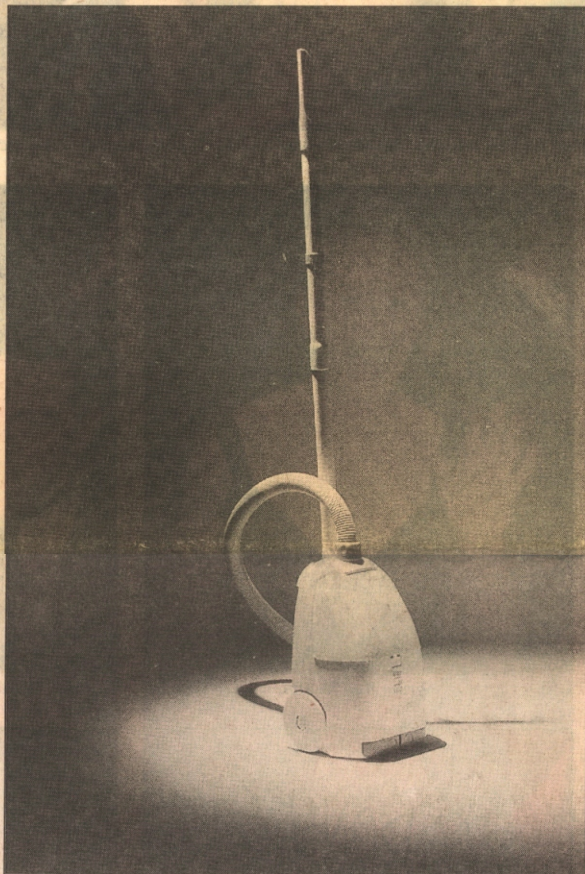
Prêmio Design Museu da Casa Brasileira (R\$ 50,00, à venda apenas no museu, na Avenida Brigadeiro Faria Lima, 774, ☎ 210-2564) tem 202 páginas e quase 200 fotos em cores retratando as dez edições. Deveriam ter sido 11, não fosse o cancelamento da edição de 1992 por motivos administrativos. Uma exposição no local reúne — até 31 de janeiro — obras de 51 selecionados entre 343 inscritos para a 10ª edição do prêmio.

Desde seus primórdios, o prêmio teve sua imagem ligada a produtos de mobiliário, não apenas pelos objetivos e caráter do Museu da Casa Brasileira (MCB), como por sua similaridade com os prêmios do setor moveleiro — Movesul de Bento Gonçalves, Rio Grande do Sul, e Movesp de São Paulo — que surgiram quase na mesma época. Mas sempre esteve aberto para qualquer tipo de produto industrial, tendo recebido uma quantidade significativa de inscrições de produtos eletrônicos enquanto esse setor esteve protegido pela reserva de mercado da informática.

Assim, é possível afirmar que quase tudo o que o público conhece por desenho industrial — daquilo que se compra nos grandes magazines até os objetos encontrados nas butiques da Vila Madalena — passou de alguma forma pelos salões do MCB. Quem hoje conheceria Reno Bonzon, de Ubatuba, ou Nelson Petzold, de Porto Alegre, autores de produtos tão díspares como a cadeira Gai-vota, premiada em 1988, e a cabine Skyline dos elevadores Sur, destacada em 1996?

Uma década vista assim de modo compacto, reunida com esmero e fidelidade editorial e factual, reflete os acertos e os equívocos do evento. O texto, que pode servir para um curso de desenho industrial, aliado às fotos, evidencia os caminhos, os atalhos e as ruas sem saída trilhadas pelo Prêmio Design até hoje.

O MCB não economizou esforços para refotografar, com as lentes de um único fotógrafo, Antonio Saggese, todos os objetos premiados ou homenageados. Preocupação que fornece ao leitor um instrumento preciso para acompanhar esse trajeto, esse roteiro, de modo homogêneo, percebendo qualidades, diferenças e mazelas das escolhas passadas. Objetivo reforçado pela edição gráfica de Marcelo Affalo e pelo acabamento industrial do livro.



Aspirador Wap Dry Vac, de Paulo D'Assumpção: prêmio em 1995

História — A vida do prêmio não foi, entretanto, homogênea e linear. Nos primeiros dois anos, aceitava apenas inscrição de produtos industrializados, já colocados no mercado. A partir da terceira edição, passou a aceitar a inscrição de projetos e protótipos, o que possibilitaria a presença de jovens recém-formados ou de profissionais à margem do mercado. "Incentivar novos profissionais é, sem dúvida, uma intenção nobre, irreprensível, mas o regulamento manteve o objetivo das edições anteriores de contribuir para o reconhecimento do design nacional", diz Adélia. E pergunta: "Seriam os dois conciliáveis?"

Mas, paradoxalmente, é a partir desse ano que se dá a adesão de grandes indústrias como Brastemp, Deca, Philco, Ericson do Brasil e outras. Essa tendência acabou interrompendo-se em 1991 por desacordos entre júri e julgados. "Embora o júri tenha passado uma mensagem dúbia ou, para alguns, plural (...), o público memorizou a escolha do experimental. Vários designers de empresas recusaram-se, a partir daí, a se inscrever (...) por discordância dos critérios de julgamento", conta a autora.

O motivo foi a premiação da luminária Lustre I, de Edith Diesenbruck, um produto de três exemplares, "no meio do caminho entre o kitsch e a vanguarda", defendido pelo jurado Décio Pignatari como "uma verdadeira bricolage, antítese dos conceitos mais estabelecidos do design no Brasil". Ao mesmo tempo, premiava a luminária Stella, de Antonio Marcos Dias, produto existente no mer-

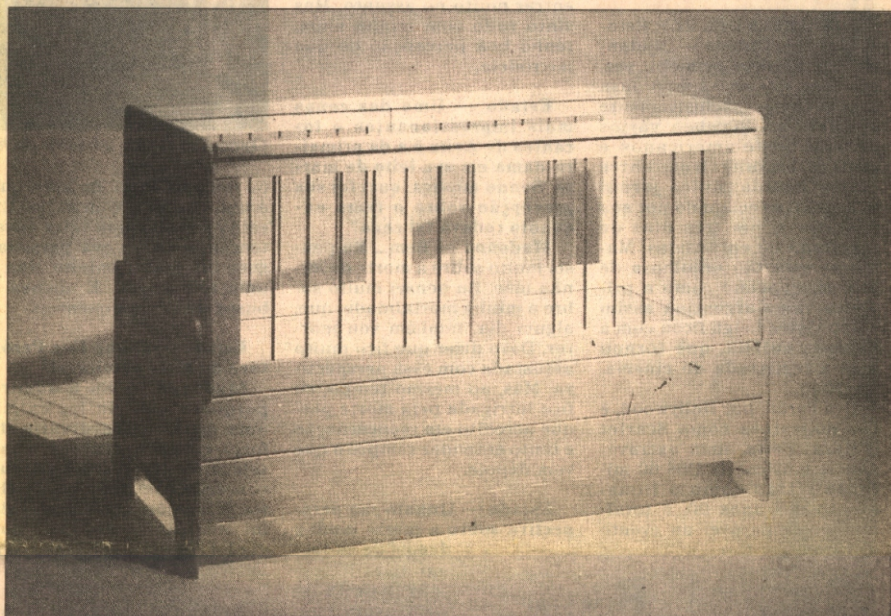
cado em escala industrial, projetado com preocupações bauhausianas como "limpeza e elegância do desenho a serviço da funcionalidade".

Balanco — Mas como a vida de um prêmio tem, como qualquer outra coisa, seus dias bons e dias ruins, o balanço final é um retrato de nossa realidade cultural, industrial e econômica. Do conjunto dos premiados, a grande maioria é de produtos ligados a pequenas empresas, que não requerem grandes investimentos para sua produção: são 54 peças de mobiliário, 21 luminárias, 22 produtos, entre tecidos e tapetes, e 11 entre cerâmicas de revestimento e louças. Na outra ponta, dez produtos do setor eletrônico e cerca de 20 objetos como geladeiras, ventiladores, elevadores, máquinas de lavar e equipamentos para construção.

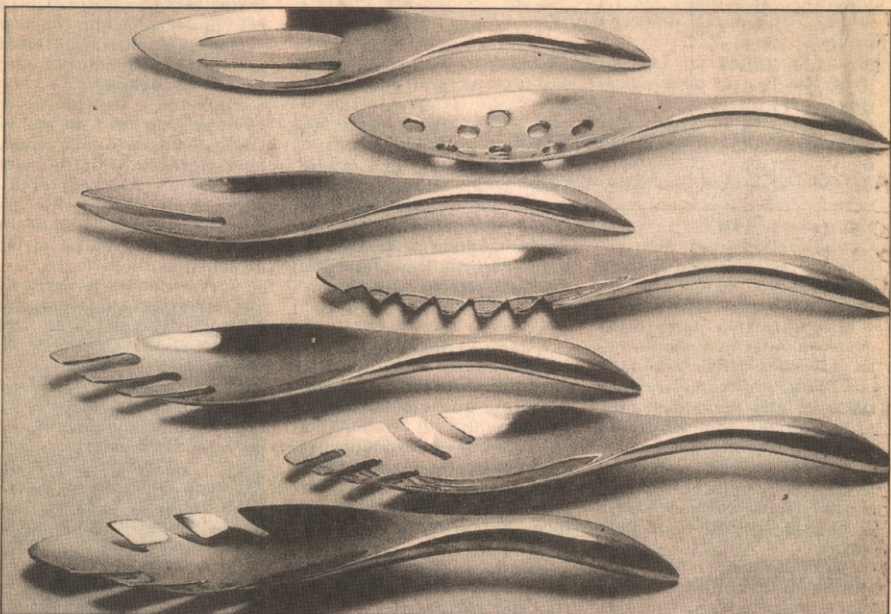
Esse retrato da realidade tem seus significados. "Eu me decepcionei com o prêmio", afirma Luciano Devia, designer italiano radicado em São Paulo. "Quase 100% das peças premiadas eram artesanais." Para a inscrição, sugere, "a comissão deveria exigir a produção de pelo menos uma escala mínima".

"Quando o prêmio surgiu, a ideia central era que ele deveria incentivar o uso do design pelas indústrias, estimulando-as a copiar menos e a valorizar mais o trabalho do profissional", lembra o jurado Vicente Wisenbach. Mas, aos poucos, ressalta, "ela foi se diluindo e passou a privilegiar a produção individual, as obras de autor, quase objetos únicos".

A autora encerra: "Há uma unanimidade de que o que mais falta ao design brasileiro é a indústria. Sem abrir mão de seu caráter cultural (...) o desafio do Prêmio Design MCB daqui para frente é aproximar designers e industriais, esses parceiros tão naturalmente feitos um para o outro."



Sofá-berço de Ana Luísa Cuervo Lozano e Maria Cristina Cuervo de A. Moura: primeiro lugar (1996)



Talheres Folha, de Reno Bonzon e Ligia Miguez, do concurso de 1993: exportação para a Europa



Balde de gelo Hering, de Christine Simon Buhr: primeiro lugar na categoria de equipamentos domésticos, em 1987